

Problemas de bancos estrangeiros

por Cecília Costa
do Rio

No início deste mês, o American Express Bank fechou seu escritório de representação no Rio. Só foi mantido o de São Paulo. Bancos estrangeiros de menor porte, como é o caso do Banco Di Roma, segundo informa o Banco Central (BC), saíram do País. E está sendo comum, principalmente desde a declaração da moratória no pagamento dos juros pelo Brasil, em fevereiro, a redução de quadro de pessoal nesses escritórios. O National Westminster Bank, por exemplo, que tinha cinco funcionários no Rio, agora está com apenas dois.

A razão, segundo explicaram uma fonte do American Express e outros representantes de bancos estrangeiros, é porque o volume de trabalho nos escritórios sediados no Brasil caiu assustadoramente. Além disso, para complicar ainda mais o quadro, as matrizes também estão desativando seus setores internacionais ou punindo diretores de área internacional que acreditaram na capacidade de pagamento da América Latina. Ontem, por exemplo, os executivos estrangeiros que trabalhavam nesses bancos tiveram razão para ficar ainda mais apreensivos do que estavam: correu a infor-

mação, em suas salas de trabalho, de que o Citibank havia demitido 2 mil funcionários da área internacional voltada para a América Latina, em sua sede, em Nova York.

Mesmo com a informação não tendo sido confirmada oficialmente até o fim do dia, a preocupação com a manutenção do próprio emprego no Brasil aumentou entre os representantes de bancos estrangeiros que trabalham no Rio. "Notícias como essas nos abalam porque sabemos que no momento nos transformamos em meros administradores de papéis, já que não fazemos mais negócios no País. Se um banco como o Citi demite 2 mil funcionários de área internacional, é claro que passo a temer por meu emprego", comentou o representante de um banco norte-americano, ontem, ao final da tarde.

A ESPERANÇA DA CONVERSÃO

Como comentou recentemente o diretor do Forex Club do Brasil e do Banco Nacional, Genival Santos — uma das pessoas procuradas no Vinal de julho pelo representante do American Express que foi procurada no final de julho pelo representante do American Express para ser avisada que o escritório no Rio seria fechado —, realmente no mo-

mento atual os representantes de bancos internacionais que trabalham no Brasil estão completamente ociosos. As operações de reempréstimos (releding) deixaram de ser feitas, já que o BC impediu a cobrança de comissões e há temor, agora, de que os juros não sejam pagos. Por outro lado, o volume de financiamentos à exportação e importação também se reduziu. O escritório de representação passou, consequentemente, a ser apenas o guardião de empréstimos já feitos no passado, que no caso do American Express, de acordo com um dos seus diretores, chegam a um total de US\$ 60 milhões.

Havia uma esperança de que as operações de conversão de dívida se transformassem em outra fonte lucrativa de negócios, pois, caso isso viesse a acontecer, haveria uma nova razão de ser para os cerca de 190 escritórios de representação de bancos internacio-

nais existentes no Brasil. Essa esperança vem-se diluindo e praticamente morreu durante o almoço realizado na sexta-feira no Clube Americano, que reuniu banqueiros estrangeiros e o diretor da área externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas.

"A proposta de Freitas de que a conversão seja feita com deságio de 40% é inviável, assim como a exigência de aplicação em setores prioritários. O Brasil, ao contrário da Argentina, não pretende pedir dinheiro novo, mas está fazendo tanta exigência que banco nenhum se interessará pela conversão", disse ontem um banqueiro, muito preocupado com o rumo das negociações entre o governo brasileiro e seus credores privados. "O problema", disse ainda o banqueiro, "não é o ministro Bresser Pereira (da Fazenda), no qual confiamos, mas, sim, o PMDB, que o deixa de mãos atadas."